

# As “identificações débeis” e a fragilização dos laços sociais<sup>1</sup>

## “Debile identifications” and frailty of social ties

Bruna Pinto Martins Brito<sup>2</sup>  
UFF/UFRJ

**Resumo:** Este artigo se propõe a investigar o estatuto das identificações em nossa época. Partiremos do conceito de identificação, tal como proposto por Freud. Este autor nos indica a relevância do referido conceito sob dois aspectos: como constitutivo dos laços sociais e como auxílio ao sujeito em definir seu lugar no mundo. Em seguida, avançaremos a partir da seguinte questão: como pensar as identificações em uma época distinta daquela em que Freud inaugura tal conceito? Entendemos a época atual como aquela marcada pela fragilidade da autoridade e pela descartabilidade dos laços sociais. Em consequência, deparamo-nos com uma “crise das identificações”. Os dados de nossa investigação apontam-nos uma articulação das identificações com a debilidade. Com base nas contribuições de Lacan, o conceito de debilidade denuncia a incapacidade de instalar-se solidamente em um discurso. Isso nos permite supor que em oposição à “solidez” de outrora, estamos diante da “flutuação” nas identificações.

**Palavras-chave:** Identificação, Debilidade, Psicanálise.

**Abstract:** This article is aimed at investigating the statute of identifications in our current times. Our starting point will be the concept of identification as proposed by Freud. This author points out the relevance of the mentioned concept in two respects: as constitutive of social ties, and as an aid to the subject in defining his place in the world. Furthermore, we will advance into the following issue: How to think of identifications in a time that is different from that during which Freud came up with such concept? We understand the current times as one marked by frailty of authority and by disposability of social ties. We then consequently face a “crisis of identifications”. The data of our investigation show us an articulation of identifications with debility. Based on Lacan’s contributions, the concept of debility denounces the inability of solidly installing itself in a discourse. This enables us to suppose that, opposite to “solidity” from past times, we currently face “fluctuation” in identifications.

**Keywords:** Identification, Debility, Psychoanalysis.

### Introdução

O processo de identificação, desde Freud, incide na vida do sujeito sob dois aspectos relevantes: como constitutivo dos laços sociais e como auxílio ao sujeito em

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir da tese de B.P.M. BRITO, sob orientação da Prof. Vera Lopes Besset, intitulada *Transferência: desafios da prática*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. Apoio e financiamento: CNPq

<sup>2</sup> Docente UFF/ PUCG. Doutora em Psicologia (UFRJ). Mestre em psicologia (UFRJ). E-mail: [brunampbrito@gmail.com](mailto:brunampbrito@gmail.com)

definir seu lugar no mundo. Neste trabalho, utilizaremos a definição de identificação, tal como proposta por Freud em seu texto "A psicologia das massas e análise do eu" (1921/1984).

É preciso esclarecer ao se debruçar sobre este tema, o autor o faz a partir de suas observações da sociedade de sua época. Tal sociedade era, então, marcada por uma solidez dos laços sociais. No âmbito familiar, podemos destacar a relação pai e filho, marcada por uma posição hierárquica, no qual o primeiro ocupava o lugar de autoridade enquanto o segundo respeitava este lugar, por vezes, marcado por um caráter autoritário. Não só crianças e adolescentes posicionavam-se de modo hierárquico nesta relação com a autoridade. Os sujeitos, de um modo geral, legitimavam também tal posição, garantida pelas leis e considerada inquestionável. Seja no âmbito familiar, de trabalho, ou social, cabia a obediência inquestionável aos subordinados dessas figuras de autoridade. Vale também lembrar que os laços sociais também se encontravam não só marcados pela autoridade e obediência a ela, mas também, pela permanência nesses enlaçamentos, denunciado por: casamentos duradouros e amizades "de longa data".

Na sociedade contemporânea, por outro lado, deparamo-nos com indícios de novos enlaçamentos sociais. Com o avanço do capitalismo, os laços sociais foram inseridos na lógica de mercado. Desse modo, não só as mercadorias são descartáveis, mas também os laços sociais. As redes sociais disponíveis na internet denunciam essa descartabilidade: no lugar de amigos "de longa data", o sujeito se interessa pelo "acúmulo" de amigos em sua rede. Seu lugar na rede será verificado pela quantidade de amigos que possui nas redes sociais. As "amizades virtuais", novas modalidades de laços sociais, são qualificadas pelo acúmulo e pela descartabilidade. Diante de qualquer obstáculo, o "amigo virtual" pode ser substituído por um novo, a fim de garantir a quantidade necessária de amigos.

Diante dessa nova roupagem dos laços sociais, podemos supor que o processo identificatório tem um estatuto inédito na atualidade. Em busca de referências de autores contemporâneos que discutissem o tema do presente trabalho, encontramos aquela que nos levou a supor uma relação entre debilidade e identificação. Trata-se do termo "identificações débeis", utilizado por Laurent (2005a, 2005 b, 2005c) para qualificar tal processo. Essa debilidade é retomada das proposições de Lacan, em especial no que se refere ao momento final de seu ensino. Logo, para verificar a pertinência de tal hipótese que articula debilidade e identificação, propomo-nos a investigar o conceito de identificação a partir das definições de Freud e Lacan. Em seguida, debruçaremos sob as características de nossa época que nos auxiliam a delimitar o estatuto das identificações contemporâneas. Isso nos conduz ao termo "identificação débil" que só pode ser compreendida a parti daquilo que Lacan concebe como debilidade.

### **A identificação segundo Freud e Lacan**

Para compreender o conceito de identificação para a psicanálise, lançamos mão da referência freudiana que o autor postula em *Psicologia das massas e análise do eu*. No

início do capítulo VII de tal obra, Freud descreve a função da identificação: "A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa" (Freud, 1921/1984, p.99). Além disso, apresenta-nos a três formas de identificação: a primeira seria a "forma original de laço" com um objeto; a segunda refere-se a uma identificação que permite a introjeção do objeto (ou traços dele) com o qual a pessoa se encontra identificada; e, por fim, uma identificação a partir do que Freud denomina uma "qualidade compartilhada" (Freud, 1921/1984, p.99).

A primeira modalidade se refere a uma identificação com aquele que lhe serve de modelo: trata-se de um "querer ser". Freud exemplifica esta modalidade ao retomar o Complexo de Édipo no menino que determina a sua relação com o pai: ele quer ser como o pai para assim ocupar seu lugar frente ao seu objeto de amor, a saber, a mãe, que ele deseja "ter".

Em segundo lugar, temos a identificação "parcial", diz-nos Freud, com alguns traços do objeto amado. Trata-se de quando a escolha objetual se torna uma identificação a um traço desse objeto. Lançando mão mais uma vez do Complexo de Édipo no menino, Freud esclarece que se trata daquele momento em que a escolha objetual do menino (a mãe) é substituída pela identificação. Por essa via, por exemplo, o menino pode "repetir" o mesmo sintoma que sua mãe.

Sobre a última forma de identificação descrita no texto de 1921, Freud afirma que ela se constrói com um desejo de ser, ou seja, "baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação" (Freud 1921/1984, p.101). O autor esclarece essa terceira forma valendo-se do exemplo de um grupo de moças de um internato, e uma delas recebe uma carta de amor. Após essa carta, a moça desenvolve uma crise histérica. Assim, as demais, com o mesmo desejo, reproduzem o mesmo sintoma da primeira, a saber, a crise histérica, Freud nos esclarece que isso ocorre graças ao processo identificatório:

Um determinado eu percebeu uma analogia significativa com outro sobre certo ponto, em nosso exemplo sobre a receptividade a uma emoção semelhante. Uma identificação é logo após construída sobre esse ponto e, sob a influência da situação patogênica, deslocada para o sintoma que o primeiro ego produziu. A identificação por meio do sintoma tornou-se assim o sinal de um ponto de coincidência entre os dois egos, sinal que tem de ser mantido reprimido. (Freud, 1921/1984, p.101)

Podemos considerar que se tratam de modalidades da identificação: horizontal e vertical. A primeira é aquela que ocorre em meio a semelhantes, como as moças do internato, enquanto a última se refere àquela entre o sujeito e uma referência que ocupa o lugar de líder ou de ideal como a identificação do menino ao pai. Em ambas modalidades, devemos considerar a identificação como um processo que auxilia o sujeito a definir seu lugar no mundo, seja em referência a um grupo de semelhantes com o qual me identifico, seja com aquele eleito, pelo sujeito, como modelo a ser seguido.

Lacan nos auxilia nesta discussão ao postular que a identificação é sempre parcial, referente a um traço, quer dizer: o sujeito só se identifica parcialmente ao Outro, a partir de um traço. Esse Outro é aqui entendido como "o lugar da fala" (Lacan, 2008, p.129),

indicando um endereçamento da fala do sujeito, e, em consequência, "o lugar da verdade" (Lacan, 2008, p.129). Desse modo, o Outro é "uma referência genérica que remete, a partir de suas figurações (Deus, o Estado, a cidade etc.) a um lugar de determinação, de introdução da Lei, em resumo, a uma ordem simbólica anterior e exterior ao sujeito" (Gaspard, 2007, p.244).

Partindo desta concepção de Outro, podemos compreender seu papel no processo identificatório: "a identificação não é uma reprodução ponto a ponto das características do Outro, mas a apropriação de traços mínimos, de significantes, em torno dos quais o sujeito se constitui, identificado aos significantes do Outro" (Siqueira, 2009, p.79). Isso nos permite assinalar que se trata de um processo que "evidencia a relação com Outro", conforme nos lembra Miller (2005, p.34).

Porém, é preciso lembrar que estamos em uma época marcada por uma multiplicação desse Outro, ou seja, uma multiplicação e precariedade deste lugar que serve de referência para a ordem simbólica do sujeito. Podemos dizer que há uma precariedade na concepção do Outro, mas também devemos considerar esse estatuto do Outro como algo que nos revela uma falência da autoridade nos dias atuais. Evidencia-se uma "desvalorização" da autoridade ao mesmo tempo em que assistimos a precariedade dos laços sociais na medida em que são inseridos na lógica de consumo. Desse modo, cabe-nos a questão: diante de laços cada vez mais descartáveis, qual o estatuto da identificação?

### **Fragilidade da autoridade, descartabilidade dos laços e a inexistência do Outro**

Vários autores (Gorostiza, 2005; Laurent 2007; Roy 2007; Rouillon, 2007; Waschsberger, 2007) estão de acordo em dizer que nossa época é marcada, entre outros aspectos, por uma falência da autoridade. Todos os dias, a mídia noticia casos de jovens que desafiam seus pais e, também, as leis. Ao mesmo tempo, entendemos que a crença no saber da tradição encontra-se igualmente abalada. Esse abalo no saber outrora transmitido pelas instituições, dentre as quais a família, denuncia uma hesitação da crença na autoridade. Lacan, em 1968, já alertava sobre os efeitos daquilo que ele denomina como 'evaporação do pai':

Acredito que, em nossa época, o traço, a cicatriz da evaporação do pai, é o que nós poderíamos colocar na categoria e sob o título abrangente de segregação. Acreditamos que o universalismo, a comunicação de nossa civilização homogeneiza as relações entre os homens. Penso que, ao contrário, o que caracteriza nosso século, e não podemos deixar de perceber isso, é uma segregação ramificada, reforçada, superpondo-se em todos os níveis, que nada mais faz do que multiplicar as barreiras. (Lacan, 1968a, inédito)

Ao retomar essa passagem, Brousse destaca que com a 'evaporação do pai', essa segregação promove uma fragmentação, e não uma unificação (Brousse, 2006, p.32). Essa fragmentação se justifica na medida em que o desaparecimento do pai não é

exceção. Trata-se de uma 'multiplicação', indicando que o pai enquanto exceção não desaparece, mas se fragmenta. Nos dias atuais, Brousse esclarece que essa fragmentação do pai revela-se na "multiplicidade de pretensos pais" (Brousse, 2006, p.32), como líderes religiosos ou chefes de grupos mafiosos. A autora destaca ainda que, ao afirmar que há uma cicatriz da evaporação do pai, Lacan insiste que não há o desaparecimento "do poder da autoridade" (Brousse, 2006, p.32). Desse modo, a multiplicidade tem, por consequência, o que destacamos como declínio da autoridade, no lugar de seu desaparecimento.

Esse declínio da autoridade é discutido por diversos especialistas (Roy 2007; Rouillon, 2007; Waschsberger, 2007). Como nos lembra Roy, esta constatação tem levado "ao mesmo tempo, ao silêncio e aos discursos intermináveis em uma atmosfera de desencantamento ou de tentativa salvadora e voluntariosa" (Roy, 2007, p.45). Para Ventura, estamos na "maior crise da confiança que se tenha notícia" (Ventura, 2011, s/p). Para este autor, tal "crise da confiança se deve à impossibilidade de o sujeito recorrer à "crença nos semblantes de autoridade" como "fonte de confiança" (Ventura, 2011, s/p)". A vacilação da crença nos "semblantes de autoridade" é assim justificada pelo autor:

[...] essas figuras da confiança estão fragmentadas de tal maneira que se tornou muito difícil tanto localizá-las como votar-lhes alguma confiança. As pessoas abandonaram a confiança no outro. Enquanto os cidadãos das democracias ocidentais seguem utilizando o voto como fonte de uma dignidade possível, estão habitados por uma profunda descrença que torna as sociedades instáveis, imprevisíveis. (Ventura, 2011, s/p)

Alguns sociólogos, como Castel (2009), também atentam para esse traço, próprio à contemporaneidade. A "incerteza", segundo este autor, é marca de um tempo em que "o céu está aberto" (p.14), quer dizer, este é marcado pela indefinição de papéis e funções. Para ele, isto é consequência da passagem da modernidade para a hipermodernidade, termo cunhado por outro sociólogo, Gilles Lipovetsky (2004). Com esta passagem, perdem-se as referências que serviam de orientação para os sujeitos. Assim, o sujeito moderno "não é separado das referências à família, ao trabalho, à vida social e política" (Castel, 2009, p.423). Na hipermodernidade, porém, o sujeito não possui mais essas referências precisas.

Alguns autores consideram que essas questões acerca da autoridade 'em decadência' são consequência de uma sociedade que prioriza a lógica do mercado globalizado, no qual o ideal não está mais presente, a não ser enquanto falho. Nesse sentido, no lugar de um Ideal consistente, garantia de modelo bem-definido a ser seguido, temos a proliferação de "ideais pós-modernos" que apontam para a diversidade de traços identificatórios que, disponíveis no mercado, são substituídos em um curto período de tempo.

Ainda sobre a mudança na lógica do mercado, Laurent (2007) nos lembra que os 'mercados comuns' com limites determinados foram substituídos pelo mercado globalizado, marcado pela ausência de fronteiras que o delimitem. Encontramos em Lacan uma definição dessas fronteiras que estão fragilizadas agora. Transcrevemos, de

seus comentários no Congresso de Strasbourg, uma passagem na qual estabelece a função de tais fronteiras frente ao real:

Essas fronteiras aparentemente geográficas (a passagem de um portão) se desdobram em outras fronteiras; e o que existe aí de singular, e exige alguns conhecimentos em topologia, é que não é o modo digamos espacial pelo qual nós passamos por ela que determina efetivamente o sentido real no qual isso ocorre. (Lacan, 1968b, inédito)

Vieira também nos auxilia, indicando a impossibilidade de se definir o mercado atual, a não ser pela ausência dessas fronteiras 'precisas': "o que é o mercado? Não se sabe delimitá-lo, pois não tem fronteiras precisas [...] Ele se comporta com previsibilidade quase zero e admite adjetivos tais como: 'nervoso', 'inquieto'" (Vieira, 2005, p.76).

Há ainda que se destacar o privilégio de um mercado marcado pela descartabilidade. O sociólogo Zygmunt Bauman se dedica à investigação desse privilégio contemporâneo da descartabilidade. Para o autor, é preciso, em primeiro lugar, considerar que estamos diante de uma sociedade líquido-moderna: "[...] aquela em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir". (Bauman, 2007, p.7).

A lógica de consumo não se baseia no acúmulo de bens, como na modernidade, mas no seu uso e descarte. A busca incessante por novas tecnologias nos ilustra esse descarte em prol daquilo que é novo. Nessa configuração sociocultural, o novo torna-se obsoleto em altíssima velocidade. Em tal 'sociedade líquida', o descarte incessante atinge ainda os laços sociais, o que leva a Bauman (2004) afirmar que aquele que vive aí é o homem "sem vínculos". Nesse sentido, os vínculos também entram nesta lógica mercadológica da descartabilidade. As trocas afetivas são consideradas como investimentos – em conformidade com as leis do mercado – e, conseqüentemente, não há comprometimento nas relações. Quem está em uma relação pode trocá-la por outra, a qualquer momento, como se faz com uma mercadoria, sem temer as conseqüências de seus atos (Bauman, 2004).

Frente à fragilização da autoridade e de seu papel nas identificações verticais e à descartabilidade dos laços que afeta as identificações horizontais, deparamo-nos com sujeitos desamparados, desbussolados. Para compreendermos este cenário marcado pelos sujeitos desamparados, lançamos mão do curso de Jacques-Alain Miller, com a colaboração de Éric Laurent, intitulado "O Outro que não existe e seus comitês de ética" (Miller, 2005). Para passarmos à lógica do Outro que não existe, precisamos primeiro, naturalmente, nos debruçar sobre a lógica do Outro que existe.

Quando o Outro existe, há o universo, o todo como referência: "o universo suporia que o Outro existe. Como sabemos, para poder isolar um traço específico, o um 'para todo x' consistente, deve complementar-se com a existência de uma exceção; e nesta disposição o Outro existe" (Miller, 2005, p.76). Quando "O Outro não existe", ao contrário, há uma recusa desse "todo universal" que permite estabelecer um conjunto fechado do "para todo x" (Miller, 2005, p.77). Acrescenta-se ainda a "inexistência do

Um" (Miller, 2005, p.77), ou seja, a inexistência daquele que assuma um lugar de exceção diante do "para todo x". Assim, Miller aproxima "O Outro que não existe" à lógica do *não-todo*, proposta por Lacan (Miller, 2005, p.77).

Assim, o autor conclui que o "Outro que não existe" se refere ao "não-todo generalizado" (Miller, 2005, p.77), que se encontra em todas as partes, sem localização específica. Como exemplo, o autor utiliza a internet. Ela ilustra a lógica do não-todo, pois não se estabelece como um conjunto fechado; apresenta-se sem delimitação precisa. Além disso, também não possui o Um da exceção: ao contrário, todos são iguais no direito ao uso dessa rede.

Outro aspecto deste tempo do "Outro que não existe" que merece destaque refere-se ao estatuto do gozo. O conceito de gozo é aqui entendido como a leitura lacaniana do "mais além do princípio do prazer". Logo, trata-se de um conceito que só pode ser entendido em sua relação com a pulsão de morte, a pulsão por excelência para Lacan (1965/1998, p.863). Nesta relação, o gozo se estabelece como a "satisfação que não se sabe" (Lacan, 1965/1998, p.863).

Na época do "Outro que não existe, o gozo, por excelência, apresenta-se sob a forma do *mais-de-gozar* (Miller, 2005, p.78). Encontramos pistas que corroboram esta afirmação. Em "Televisão", Lacan indica-nos que "nosso gozo", como ele nomeia, "só se situa a partir do mais-de-gozar" (Lacan, 1974/2003, p.533). Entendemos aqui esse "nosso gozo" como referência a algo do gozo que sofre interferência do contemporâneo, o que é consoante com a definição de civilização como "um modo comum de gozo" (Miller, 2005, p.18). Este modo comum de gozo o aproxima dos objetos "da indústria, da cultura", que têm o objetivo de "tamponar a falta de gozo, mas apenas por um instante, pois a repetição não se detém" (Miller, 2000, p.100). Ao avançarmos com Lacan, em seu Seminário XX, veremos que o gozo 'a mais' passa a não ter relação. É o que se evidencia quando Lacan afirma que "o objeto viria satisfazer o gozo", e "não o Outro" (Lacan, 1985, p.171). Assim, na busca de obtenção de gozo, está em jogo a busca desses objetos, e não o Outro como fonte de gozo.

Destaca-se ainda que diante da inexistência do Outro há um "apelo à comunidade" (Laurent, 2005a, p.90). Se tomarmos a internet como exemplo, encontramos esse 'apelo' nas redes sociais, sob a forma de 'comunidades virtuais'. Aí, seus membros se unem em torno de um traço comum, por vezes em torno do que há de comum nos sintomas: por exemplo, comunidades daqueles que sofrem 'depressão' ou 'síndrome do pânico', ambos os termos extraídos da classificação psiquiátrica. Deve-se acrescentar que este 'apelo à comunidade' não é fixo; por outro lado, consagra certa mobilidade de passar de um grupo ao outro de forma rápida, obedecendo à lógica presente em nossa cultura.

Esta saída através da comunidade nos evidencia ainda a época do Outro que não existe, como ratifica o autor ao final do seminário:

Segundo a fórmula que definimos, o Outro que não existe sustenta a posição de um Outro estratificado, de níveis múltiplos, entrelaçados, contrastantes, que se mantêm unidos pelos sintomas. Esses sintomas são o único limite às tentativas de reconstrução do Outro pelas comunidades da conversação. (Laurent, 2005c, p.45)

Esta passagem nos remete à impossibilidade de uma delimitação precisa desse Outro, tendo em vista sua multiplicidade e pulverização. Diante disto – a pulverização com conseqüente apelo à comunidade – a identificação não tem o mesmo estatuto, quando esta fora formulada por Freud. Segundo Miller, o mal-estar na cultura atual é “a preocupação com a identidade” (Miller, 2005a, p.71). Sendo assim, é preciso investigar qual o estatuto da identificação frente *o Outro não existe*. Dito de outra forma, como podemos entender o processo identificatório diante da pulverização do Outro, conseqüência de uma fragilização dos ideais e dos laços sociais?

### **As identificações débeis**

Nesse cenário de precariedade de referências que se prestavam a um lugar de autoridade e com a fragilidade das identificações verticais, podemos considerar que os sujeitos estão desorientados. Essa “ausência de bússola” é conseqüência da “inexistência do Outro” no que tange à sua estratificação e delimitação imprecisa. Em conseqüência, deparamo-nos com uma “crise contemporânea das identificações” (Siqueira, 2009, p.15), e ainda com o aparecimento de “patologias contemporâneas da identificação” (Miller, 2005, p.34). Vale lembrar que é a modalidade de identificação ao líder, como vimos com Freud, que se encontra aqui em questão. Em busca de algo que preencha essa “ausência” de referência identificatória, há o “apelo à comunidade” (Laurent, 2005a, p.90), ou seja, a identificação por “uma qualidade compartilha” parece ganhar um valor privilegiado em nossa cultura.

Para nos auxiliar a compreender tais patologias, tomamos a toxicomania como exemplo. Como nos ensina Freda, este hábito fornece ao praticante (toxicômano) um ‘eu sou’: “eu sou toxicômano” (Freda, 2005, p.314), que define assim o sujeito por sua prática, e não pelo seu sintoma. De maneira distinta da identificação aos valores de uma determinada cultura, transmitida pela família, por exemplo, esta identificação encontrada na toxicomania refere-se a uma prática, revelando um tempo em que reina “o divórcio com o ideal; se pode prescindir do ideal e das pessoas, se pode prescindir do Outro, das ideias e cenários que propõem por um curto-circuito que libera diretamente um mais de gozar” (Freda, 2005, p.312).

Esta identificação com a prática conduz também a uma identificação horizontal, com os semelhantes que compartilham uma mesma prática, como no caso da toxicomania, ou ainda os mesmos diagnósticos, fornecidos pelos manuais psiquiátricos. Entendemos aqui esses “diagnósticos” como nomes que emergem do discurso psiquiátrico dos manuais e que são disponibilizados na cultura. Desse modo, essa nomeação de uma síndrome pode ser fornecida por um psiquiatra (no exercício de sua profissão) ou pela mera divulgação pela mídia. Nestes casos, é a partir da identificação a um nome que os sujeitos se emparelham em determinados grupos: ‘depressão’, ‘síndrome do pânico’, dentre outros. Identificação a um nome ofertado por um especialista ou mesmo por “uma identificação ‘espontânea’ a significantes-mestres à disposição na cultura” (Besset et al, 2007, s/p). Ainda nestes casos em que o sofrimento psíquico ganha uma etiqueta, é a prática que define cada uma dessas classificações.



Então, inserir-se em um grupo, como o de 'síndrome do pânico', é possível a partir de certos índices classificatórios aos quais o sujeito tem acesso na cultura ou lhe são fornecidos pelos especialistas. Com estes índices, seus comportamentos e práticas se enquadram em um determinado tipo clínico. Diante da fragilidade das identificações verticais, a identificação horizontal pode apaziguar o sofrimento do sujeito, pois possibilita a sua inserção em um grupo. Desse modo, podemos supor que as identificações contemporâneas se caracterizam, como afirmam Besset, Brito e Vieira, mais pela 'horizontalidade' – a identificação com seus semelhantes – do que pela via da 'verticalidade': "ideais, pais, mestres, marcada pela disparidade subjetiva" (Besset, Brito & Vieira, 2009, p.63).

Algumas considerações ainda se fazem necessárias sobre a problemática atual da identificação. Laurent considera que se trata da supremacia das "identidades débeis" (Laurent, 2005b, p.60). Em consonância com este autor, Miller propõe a "sociedade da debilidade" no lugar da "sociedade de consumo" (Miller, 2005, p.39). Pretende-se, então, colocar em primeiro plano a posição do sujeito, que "não só flutua no discurso, como o próprio discurso aparece flutuante, pulverizado, fragmentado" (Miller, 2005, p.39). Para ele, talvez se trate de uma "debilidade generalizada" na época do Outro que não existe.

Partimos do conceito de debilidade em busca de dados que corroborem as proposições de Laurent (2005a, 2005b, 2005c) e Miller (2005), que consideram identificações contemporâneas como 'débeis'. Essa debilidade se refere a esta tal qual definida por Lacan. É preciso retomar a proposição de debilidade deste autor para se compreender a articular da identificação com a debilidade em nossa época.

### **Debilidade segundo Lacan**

Laurent indica-nos que a debilidade é um tema importante para Lacan, em especial em sua relação com a psicose (Laurent, 1995). Porém, verificamos que nem sempre a debilidade esteve relacionada à psicose. Isso se evidencia ao retomarmos as três concepções da debilidade mental ao longo do ensino de Lacan. Rosa (2008) resume esses três momentos: "o tema da debilidade mental como inibição intelectual (anos 50), como incapacidade de colocar o desejo do Outro em questão (anos 60), e como incapacidade de instalar-se solidamente em um discurso (início dos anos 70)" (Rosa, 2008, p.45).

É preciso destacar que, na primeira concepção – debilidade como inibição intelectual – ainda não há uma relação com a psicose. É a partir do Seminário XI que Lacan emparelha o evento psicossomático, a debilidade e a psicose. Interessa-nos nessa formulação a aproximação que o autor faz, nos parágrafos seguintes, indicando a existência de algo semelhante na debilidade e na psicose. Assim formula o autor o que se passa nesses três casos: "quando não há um intervalo entre  $S_1$  e  $S_2$ , quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holofraseia, temos o modelo de toda uma série de casos – ainda que, em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar" (Lacan, 2008, p.231).

É disso que se trata, para Lacan: uma solidificação como ocorre no processo de holófrase, termo que retoma da linguística. Segundo esta ciência, a holófrase faz parte das línguas aglutinantes, e dentro dessas é o processo pelo qual "as palavras-frases se formam por aglutinação de morfemas" (Campanário & Pinto, 2006, p.51). O que ganha destaque em Lacan é essa aglutinação que ele marca como primordial nos três casos: fenômeno psicossomático, debilidade e psicose. Essa aglutinação entre os significantes tem, por consequência, o impedimento do aparecimento do sujeito, como nos confirma Gaspard: "ele [o sujeito] não é representado e fica petrificado sob um significado congelado ( $S_1S_2$ ) que não pode 'de facto' ascender ao saber" (Gaspard, 2003, p.155).

O tema da debilidade será retomado por Lacan quase dez anos após o Seminário XI. Nesse momento, o autor se debruça sobre a debilidade, diferenciando-a da psicose, e assim inaugura sua terceira concepção da debilidade mental, inédita:

Eu chamo de debilidade mental, o fato de que um ser falante não esteja solidamente instalado num discurso. É o que faz o preço do débil. Não há nenhuma outra definição que se possa dar, senão aquela de estar um pouco por fora, ou seja, ele flutua entre dois discursos. Para estar solidamente instalado como sujeito, é preciso prender-se a um, ou, então, saber bem o que se faz. (Lacan, 1972, inédito)

Para Laurent, essa concepção de debilidade delimita ainda a distinção entre o débil e o psicótico: o primeiro se define como "entre dois discursos"; o segundo, como "fora do discurso" (Laurent, 1995, p.171). É dessa concepção de debilidade que Laurent se vale para propor a "identificação débil". Trata-se menos de uma "identificação psicótica", de um "fora do discurso", e muito mais de um "entre dois discursos". Para Laurent, trata-se de uma "debilidade generalizada" (Laurent, 2005c, p.39), pois, nos dias atuais, "o sujeito não somente flutua no discurso do Outro como o próprio discurso do Outro aparece flutuante, pulverizado, fragmentado" (Laurent, 2005c, p.39). Em *R.S.I.* (Lacan, 1974-1975, inédito), Lacan considera a debilidade mental em referência ao corpo. Trata-se de uma debilidade em relação à ilusão que concebe a imagem do próprio corpo como unificado:

Há algo que faz o ser falante mostrar-se consagrado à debilidade mental, e que isso resulta da própria noção de imaginário, enquanto o ponto de partida dessa é a referência ao corpo e ao fato de que a sua representação – eu quero dizer tudo o que para ele se representa – é apenas um reflexo do seu organismo. (Lacan, 1974, inédito)

Para Laurent, Lacan sustenta que o lugar a ser ocupado pelo débil no discurso é o lugar da verdade. Aqui vale lembrar, como faz Laurent, que "ocupar o lugar da verdade" não é o mesmo que dizer "a verdade". "Ocupar o lugar de verdade" no discurso corresponderia a "aquilo do gozo que pode ser articulado na união, no Um do corpo" (Laurent, 1995, p.172). E ainda: "a mentira que sustenta o lugar da verdade que o débil pode ocupar é a mentira de admitir o Um do corpo como referência única" (Laurent, 1995, p.172). Esse Um do corpo é *união*, remetendo a uma  *fusão dos corpos*, tal qual a holófrase da cadeia de significantes. Laurent nos esclarece que Lacan escolhe

o termo *uniano* para distinguir do Um *unário*, que remete a uma *união* ao mesmo tempo em que admite uma *diferença*, como ocorre na neurose. No neurótico, afirma Laurent, "produz-se uma distribuição do gozo que lhe permite enumerar, fazer uma enumeração" (Laurent, 1995, p.173), operação impossível no caso da debilidade, quando há uma  *fusão*. Nesse ponto, encontramos uma proximidade com a psicose, que também apresenta essa "omnipotência para contar, para enumerar, para partilhar o gozo" (Laurent, 1995, p.174).

Sabemos que com a definição de debilidade mental, apresentada em 1972, Lacan se distancia da concepção tradicional proposta pela psiquiatria. Esta a concebe em referência ao comprometimento cognitivo, como verificamos na definição proposta no DSM-IV para a deficiência mental:

A característica essencial da Deficiência Mental é um funcionamento intelectual global inferior à média (Critério A) que é acompanhado por limitações no funcionamento adaptativo em pelo menos duas das áreas seguintes: comunicação, cuidados próprios, vida doméstica, competências sociais/interpessoais, uso de recursos comunitários, autocontrole, competências acadêmicas funcionais, trabalho, tempos livres, saúde e segurança (Critério B). (American Psychiatric Association, 2002, p. 39)

Esse distanciamento da concepção de deficiência mental proposto pela psiquiatria fica evidente na seguinte afirmação de Lacan: "Acrescento que [...] a debilidade mental, a qual, como demonstra uma mulher de minha escola, resulta mais do dizer parental que de uma obtusão nata" (Lacan, 1973/2003, p.464). Essa "mulher de minha escola" à qual Lacan faz referência é Maud Mannoni, que coloca o dizer dos pais em questão na debilidade. Assim, assinala que não se trata de algo de nascença, mas, antes, indica como determinantes a "transmissão simbólica e o [...] modo como o sujeito se localiza em relação a ela [transmissão simbólica]" (Rosa, 2008, p.41). Frente a o não-dito, isso pode ter efeitos na criança, possibilitando que essa se apague enquanto sujeito ou oscile neste lugar.

Mas, se o mental não se refere ao que é da ordem do cognitivo e intelectual, o que Lacan define como mental nessa parte final de seu ensino? Miller nos auxilia, ao afirmar que Lacan denomina mental à "relação difícil entre o corpo e o simbólico" (Miller, 2003, p.17). Com isso, propõe uma nova concepção de inconsciente; um inconsciente que corresponde a uma doença mental, à debilidade mental, ou seja, "a uma debilidade que afeta o mental". Ou melhor, a debilidade é, segundo Lacan, uma *desarmonia* entre os três registros, como nos esclarece Miller: "a debilidade mental quer dizer que o falasser é marcado por uma desarmonia entre o simbólico, o real e o imaginário." (Miller, 2003, p.17). Vale aqui lembrar que Lacan introduz este conceito em seu seminário *O Sinthoma*: "o falasser adora seu corpo, porque crê que o tem na realidade, ele não o tem, mas seu corpo é a sua única consistência, consistência mental, é claro, porque seu corpo sai fora a todo instante" (2007, p.64). Trata-se de um corpo que fornece uma unidade, dado que "o estatuto primitivo do corpo, é ser peças avulsas, contrariamente à evidência do que é visível" (Miller, 2004, inédito).

Portanto, referir-se ao inconsciente a partir da debilidade mental é um *sarcasmo*, segundo Miller (2002). Para ele, "Lacan transforma a debilidade em inconsciente" (Miller, 2003, p.18) para qualificar essa "ausência de acordo entre as dimensões" (Miller, 2003, p.17). Vale notar que até aqui o inconsciente era visto como saber, mas um saber que não se sabe (Brito, 2007). Com essa nova concepção, o inconsciente passa a um "não saber fazer com" (Miller, 2003, p.17), que podemos supor ser uma referência à impossibilidade de acordo/harmonia entre os três registros.

Sendo a debilidade algo próprio ao inconsciente, temos uma generalização do conceito, como podemos constatar na afirmação de Miller: "é a debilidade mental desse ser [ser falante], quer dizer que seu 'mental' não o coloca em relação com o real" (idem, p.18). Há uma impossibilidade de "desvencilhar-se completamente do aparelho da linguagem para tratar o real" (Rosa, 2008, p.45). Nesse sentido, a debilidade corresponde a uma fragilidade, própria a todo ser falante, frente ao impossível de atingir o real, como um todo, pela via da fala.

### Considerações finais

No cenário contemporâneo, deparamo-nos com um privilégio às identificações horizontais em detrimento das verticais, a saber: as identificações entre semelhantes no lugar das identificações com certos "modelos". Sendo a identificação considerada como um dos principais processos constituintes dos laços sociais, verificamos certos aspectos de nossa cultura que possam afetar o processo identificatório, em especial: a fragilização da autoridade, a descartabilidade dos laços e a pulverização do Outro.

Verificamos que a autoridade, que outrora garantia os processos identificatórios, encontra-se em declínio. Por outro lado, a lógica mercadológica ao atingir os laços sociais, transforma-os em descartáveis assim como os objetos de consumo. Ao nos debruçarmos sobre a inexistência do Outro, verificamos que não se trata de seu desaparecimento, mas de um Outro "fragmentado", "multifacetado". Esse cenário leva-nos a supor que há uma "crise das identificações".

Frente ao privilégio da horizontalidade no processo identificatório, o conceito de "identificações débeis" enriquece a presente discussão. Ao retomarmos as considerações de Lacan acerca da debilidade, foi possível avançar na articulação entre debilidade e identificação. Ao percorrermos a obra deste autor, verificamos que ele se afasta da noção de debilidade mental como idêntica ao diagnóstico psiquiátrico de retardo/deficiência mental. Este autor faz uma segunda distinção entre os dois termos supracitados, ao precisar a sua concepção de mental, distanciando-a daquilo que é descrito pelo saber médico-psicológico como processo intelectual. Para ele, o "mental" se refere a difícil articulação entre o corpo e o simbólico. Logo, a proposição lacaniana da debilidade mental nos ensina que esta não se confunde com uma categorização de um distúrbio referente à função intelectual. Então, como esta debilidade "lacaniana" se articula com as identificações contemporâneas?

A concepção de debilidade, presente no final do ensino de Lacan, indica-nos que a debilidade se refere a um "estar entre" os discursos, sem se fixar muito solidamente em

nenhum lugar. Trata-se da indicação da impossibilidade de se “fixar” própria ao “falasser”. Assim, considerar a identificação contemporânea como débil é afirmar que se trata de um processo marcado, em primeiro lugar, pela flutuação entre a multiplicidade de escolha dos diversos objetos identificatórios, disponíveis na lógica consumista. Escolha objetual que não deve ser confundida com bens materiais de consumo, mas aquilo que diz respeito aos valores, ideais, práticas que permitem ao sujeito tecer seus laços sociais. Na época do Outro que não existe, a identificação é marcada pelo seu caráter de flutuação, consequência da queda dos ideais. Em segundo lugar, é o próprio discurso que se encontra, podemos supor, “débil”. O discurso do Outro que pode orientar o sujeito, também se apresenta como flutuante, posto que o Outro se apresenta pulverizado, fragmentado. Esse aspecto duplo da debilidade – do sujeito e do discurso no qual se insere – tem seus efeitos nas identificações. Por um lado, o sujeito tece seus laços de modo “fluido” seja com seus semelhantes pela via dos laços “descartáveis”, seja com o Outro. Por outro lado, é o discurso do Outro que também se torna obstáculo às identificações “sólidas” na medida em que este discurso também se apresenta como “flutuante”, em consequência à pulverização do Outro. Sendo assim, em oposição à “solidez” de outrora, estamos diante da “flutuação” nas identificações.

Recebido em: abril de 2013

Aprovado em: junho de 2013

## Referências

American Psychiatric Association (2002). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-IV). Porto Alegre: Art Med.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Bauman, Z. (2007). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Besset, V.L. BRITO, B.P.M.; VIEIRA, M.P. (2009). A transferência: desafios da clínica hoje. *Cartas de psicanálise*, 1 (5), 62-68.

Besset, V.L., Carvalho, A.B., Júnior, A.S.A.; Brito, B.P.M., Silva, G.D. da, Bessa, G.L.P., Souza, J.M.P. de, Goulart, J.M., Junior, J.N. S., Rubim, L.M., Veras, M.A dos S., Ferreira, M. De F. e Vieira, M.P., (2007). Pânico e angústia: sobre o sintoma que a psicanálise trata. *Anais do 3o Encontro Americano/XV Encontro Internacional do Campo Freudiano*, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Brito, B.P.M. (2007). *Psicanálise: de que saber se trata?* Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Brito, B.P.M. (2012). *Transferência: desafios da prática*. Tese (Doutorado em Psicologia)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Brousse, M.-H. (2006). Fragmentation du père et ultra modernité. *Quarto*, 86, 32-36.

Campanário, I.S. ; Pinto, J.M. (2006). Nos limites da linguagem: a holófrase e sua incidência na clínica da primeira infância. *Reverso*, 53, 51-60.

Castel, R. (2009). *La montée des incertitudes*. Paris : Seuil.

Freda, F.H. (2005). La secta y la globalización. In: MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, p. 303-324.

Freud, S. (1984). Psicología de las masas y análisis del yo. In *Obras completas de Sigmund Freud*. (vol. 18, pp. 63-136). Buenos Aires: Amorrortu editores, 2ªed, 1986. (Original publicado em 1921)

Gaspard, J.-L.(2003). Violence et bonheur du sujet : heurt et malheur de la prévention. In C. Arbisió (dir). *Détresse sociale, souffrance psychique : un enjeu pour le sujet*. (Transhumances IV). Namur: Presses Universitaires de Namur, pp 155-162.

Gaspard, J.-L.(2007). Toxicomania: complexo familiar e figura do pai. *Psicologia em Revista*, 13 (2), 243-252.

Gorostiza, L. (2005). O Pai e a autoridade. In: *Scilicet dos Nomes do Pai*. Rio de Janeiro: AMP, p. 23-25.

Lacan, J. (1968b). *Intervention dans la discussion après l'exposé de J. Rudrauf* : « Essai de dégagement du concept psychanalytique de psychothérapie », à propos également de l'exposé de J.-C. Schaezel, la veille : « Casque de Bronze », inédito.

Lacan, J. (1968a). *Intervention sur l'exposé de M. De Certeau* : « ce que freud fait de l'histoire. Note à propos de : « Une névrose démoniaque au xviiie siècle ». Congrès de Strasbourg, inédito.

Lacan, J. (1972). Lição de 8/3/1972. In *O Seminário, Livro 19... Ou pior*. (1971-1972). Inédito em português.

Lacan, J. (1974-1975). *O Seminário, livro 22*: R.S.I., inédito.

Lacan, J. (1985). *O Seminário, livro 20*: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1998). Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 843-864, (Original publicado em 1965).

Lacan, J. (2003). O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. P. 448-497(originalmente publicado em 1973).

Lacan, J. (2003). "Televisão". In : *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 550-556. (Original publicado em 1974).

Lacan, J. (2007). *O Seminário, livro 23*: o sinthoma. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (2008). *O Seminário, livro 11*: Os quatros conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.

Laurent, E. (1995). Psicose e debilidade. In: LAURENT, E. *Versões da clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 167-175.

Laurent, E. (2005a). Las mujeres y el Otro. In: MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, p. 87-98.

Laurent, E. (2005b). Las tribulaciones de la opinión pública. In: MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, p. 59-80.

Laurent, E. (2005c). La conversación de los débiles. In: MILLER, J.-A. *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós, p. 31-58.

- Laurent, E. (2007). *A sociedade do sintoma- a psicanálise, hoje*. Rio de Janeiro, Contracapa.
- Lipovetsky, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Miller, J.-A. (2000). Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana*, São Paulo, 26/27, p. 87-105.
- Miller J.-A.(2003). O último ensino de Lacan. *Opção lacaniana*, 35, 6-24.
- Miller, J.-A. (2004). *Curso de Orientação Lacaniana "Peças Avulsas"*, inédito.
- Miller, J.-A. (2005). *El Otro que no existe y sus comités de ética*. Buenos Aires: Paidós.
- Roy, D. (2007). Le moment clinique de l'autorité. In Association de la Cause Freudienne (org). *L'autorité en question (s)*. Paris, p.34-43.
- Rosa, M. (2008). Lacan e a debilidade mental de Platão e Ernest Jones. *Psicologia em Revista*, 14( 2), 37-46.
- Rouillon, J.-P. (2007) L'autorité em question(s). In Association de la Cause Freudienne (org). *L'autorité en question (s)*. Paris, p.34-43.
- Siqueira, E. R. A. (2009). *O estatuto contemporâneo das identificações em sujeitos com marcas e alterações corporais*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Ventura, O. (2011) *Confiar en lo imposible*. Diario Información, Alicante, Recuperado em: 20 de março de 2013 de:<http://www.diarioinformacion.com/opinion/2011/11/06/confiar-imposible/1187264.html>
- Vieira, M.A. (2004). A (hiper)modernidade lacaniana. *Latusa*, Rio de Janeiro, 9, 69-81.
- Waschsberger, H. (2007). L'autorité de la parole. In Association de la Cause Freudienne (org). *L'autorité en question (s)*. Paris, p.83-88.